

Banqueiro acena com maior participação

Tóquio — “Eu acho que nós do Japão devemos ir além do acordo do reescalonamento da dívida externa, e, junto com as empresas japonesas, participar da recuperação da economia brasileira”. A declaração é do ex-chairman (atual conselheiro, por estar afastado como representante junto do Keidanren — associação empresarial) do maior banco do mundo, Dai-Ichi Kangyo Bank, Nobuya Hagura, feita durante encontro com o ministro da Fazenda, Mailson da Nóbrega.

O Dai-Ichi é o primeiro banco no ranking mundial, com volume de depósitos da ordem de US\$ 184 bilhões e patrimônio de US\$ 251 bilhões. Como os demais bancos com grande volume de poupança para administrar, tem diante da atual realidade o problema de encontrar mercados que viabilizem o lucro do dinheiro investido. Se não termos capacidade aos países devedores de produzir e pagar sua dívida, o problema nunca vai ser resolvido”, disse Hagura.

Ao apresentar sua disposição, ele fez um apelo ao ministro Mailson para que insista na política “enérgica” de austeridade brasileira. mencionou a necessidade de o governo brasileiro adotar um sistema de seguro contra riscos dos investimentos estrangeiros. Mailson, imediatamente, disse que o Governo não tem nenhuma intenção de oferecer este sistema e que a melhor garantia contra os temidos riscos é a estabilidade econômica do país.

Conversão

O dirigente da Keidanren, Eishio Saito, lembrando suas relações passadas com o Brasil,

quando dirigente da Nippon Steel (sócia da Usiminas), disse ao ministro da Fazenda brasileiro, segundo declarou o porta-voz da entidade, Kozo Kato, tem especial apreço pelo projeto de conversão da dívida externa em investimentos estrangeiros brasileiros. Mesmo que outros países, como México, Argentina e Chile tenham programas semelhantes, segundo acrescentou Kato.

Ele reiterou o apelo feito por todas as autoridades japonesas, para Mailson dedicar atenção ao problema da redução da participação acionária japonesa na Usiminas, em decorrência da correção monetária do capital. Disse que este problema é considerado com gravidade pelo empresariado japonês interessado no Brasil, porque diz respeito a milhares de acionistas da Nippon Steel (o que no Japão significa dizer os “donos

da empresa, já que elas não têm proprietários, mas pertencem a seus acionista).

Os três “intelectuais” economistas conselheiros da Keidanren, Masaya Miyshi, Keijiro Koyama e Kazuo Nakasawa, participaram do encontro com Mailson, mas não se manifestaram. Limitaram-se a ouvir atentamente o ministro, segundo relato de Kato.

O vice-diretor da Keidanren, e conselheiro da Toshiba (há 20 anos no Brasil), Shighi Saba, anunciou que estará no Brasil em agosto, para comemorar os 50 anos da Confederação Nacional das Indústrias (CNI) e foi convidado por Mailson a ir ao Ministério da Fazenda. Lembrou do grande potencial de investimentos existentes no Brasil e reforçou o apelo ao ministro, para manter a política de austeridade econômica.